

Medad ouve uma outra canção

Recontado por Pedro Sá Moraes

— Rabino, conte aquela história novamente!

Um pequeno grupo de jovens entusiasmados reuniu-se ao redor da mesa no escritório parcamente iluminado da casa do rabino Zacarias. O rabino era um homem sábio cujo lado alegre e bem-humorado era visível em reuniões como essas com os membros mais jovens da comunidade.

— Qual história? — Perguntou com um brilho nos olhos.

— Ah, rabino, você sabe de que história estamos falando! Aquela sobre o jovem baixista — disse o jovem Sha'ul, ele mesmo um aspirante a músico.

— Ah! *Aquela* história!

Nada agradava mais ao ancião do que contar as histórias sagazes e misteriosas transmitidas por gerações. Em sua idade madura, ainda dotado de memória cristalina, finalmente se sentiu capaz de apreciar o significado de seu nome, Zacarias: “Deus nunca esquece”.

— Esta história — ele disse num ritmo suave, quase solene — aprendi com meu avô, que aprendeu com o avô dele, que assistiu os acontecimentos com seus próprios olhos, ouviu com seus próprios ouvidos e sentiu com seu próprio coração.

Então o rabino começou a contar a história.

— Os eventos que estou prestes a descrever aconteceram numa pequena vila na região da Bessarábia. A aldeia era conhecida pela sua banda *klezmer*, a atração

principal de todas as festividades e eventos sociais. Como vocês sabem, alguns rabinos daquela época não gostavam muito de *klezmerim*, os músicos profanos, criadores de música para dançar. No entanto, o rabino desta aldeia, rabino Shmu'el, pensava diferente. Ele apreciava as reverberações de saudade e quietude da música klezmer. Ele também apreciava a forma como as modulações, os padrões melódicos que as muitas vezes barulhentas canções klezmer extraíam das orações cantadas na sinagoga. Para ele, elas criavam uma ponte melódica entre o ritual sagrado e a vida cotidiana.

— Por isso, quando a banda do vilarejo perdeu seu baixista, sem nenhum músico experiente por perto para substituí-lo, o rabino se dedicou pessoalmente à procura de alguém que pudesse estudar o instrumento e, com o tempo, assumir o cargo. O candidato que encontrou chamava-se Medad: um jovem quieto que tinha um jeito introspectivo e doce. Ele era conhecido por estar constantemente cantarolando e cantando baixinho para si mesmo, o dia inteiro. *O rapaz gosta tanto de música - com certeza aprenderá rápido*, pensou o rabino.

Nesse momento, o jovem Sha'ul interrompeu a narrativa e perguntou com um olhar perplexo:

— Mas rabino, o baixo é um instrumento tão desafiador. Leva anos para dominar.

— É verdade, meu jovem amigo — respondeu pacientemente o venerável contador de histórias — mas assim que ele botou as mãos no instrumento, Medad ficou exultante. Ele praticou, e praticou com tanto entusiasmo que muito rapidamente foi capaz de tocar padrões e melodias simples. Logo, ele estava participando de ensaios e se apresentando em pequenos eventos, junto com os outros membros da banda.

O rabino Zacarias continuou.

— Os músicos da banda ficaram comovidos com o jeito gentil do jovem e sua profunda entrega ao instrumento. Fizeram de tudo para apoiar seu aprendizado e fazê-lo sentir-se à vontade. Às vezes, o rapaz mergulhava tão profundamente em

seu devaneio musical que se retirava para seu próprio mundo interior. Era um espetáculo a ser visto! Medad, cujo nome significava "amado", era a própria personificação do amor – seus olhos semicerrados, seu corpo balançando, um sorriso espontâneo no rosto. Os moradores se reuniam em torno da banda e batiam palmas, entusiasmados com a alegria pura do jovem baixista.

— Com a prática, a técnica de Medad se fortaleceu. Ele foi se tornando um músico cada vez melhor. No entanto, sempre havia algum momento em que seu ritmo ou suas notas pareciam ir numa direção diferente do resto da banda. Medad ficava tão profundamente absorto quando parecia tocar sua própria melodia que ninguém tinha coragem de corrigir suas notas erradas.

— Pouco mais de dois meses depois de ter sido oficialmente incorporado como baixista da banda da vila, uma grande festa aconteceu. Era o casamento do filho primogênito do rabino e a filha de um rico comerciante. Amigos e parentes, vindos de uma dúzia de cidades diferentes, vieram participar da festividade tão aguardada. A família da moça construiu uma enorme tenda com uma plataforma especial de onde a banda iria animar horas de dança com melodias vertiginosas e ritmos vibrantes.

— Mas, até então, os outros músicos da banda tinham levado os devaneios de Medad na esportiva, e até mesmo os achavam cativantes. Mas um evento tão extraordinário, eles pensaram, poderia bem ser a oportunidade para ele aprender uma lição sobre seus deveres como membro da banda. Assim, resolveram contribuir com sua formação musical com uma brincadeira. Da próxima vez que notassem que ele iria começar a se desconectar da melodia que todos tocavam e voar para algum reino distante, eles gradualmente parariam de tocar e deixariam o silêncio embaraçoso ensinar a Medad uma lição que ele nunca esqueceria.

— A celebração começou e a banda estava se apresentando no seu melhor estilo. As canções festivas tocavam os corações, homenageando a noiva e o noivo, expressando os melhores votos de todos para os recém-casados. Depois de algumas horas, os músicos notaram as notas do baixo começando a mudar para um padrão

diferente. À princípio, o desvio era sutil, mas depois se tornou perceptível. Os músicos olharam para Medad e, como era de se esperar, lá estava ele, olhos semicerrados e um largo sorriso no rosto. Então, como haviam combinado, um por um, cada membro da banda parou de tocar – primeiro o violinista, depois o clarinetista, o flautista, o percussionista... até que, finalmente, apenas Medad estava tocando. Os convidados do casamento perceberam, e rapidamente entraram na brincadeira. Todos, isto é, menos Medad, cujos olhos estavam agora um pouco mais abertos, olhando para os pontos mais altos da tenda, conforme seus dedos continuavam tocando arrebatados, com confiança e firmeza.

— Alguns convidados começaram a rir, mas rapidamente se contiveram, pois seria descortês fazê-lo antes que o rabino risse. E ele não o fez. Rabi Shmu'el, sentado em uma cadeira perto do palco, olhava fixamente para Medad. Todo mundo ficou em silêncio assistindo enquanto Medad tocava. E ele tocou com tanta ferocidade e abandono que parecia que o vento estava começando a soprar mais forte em resposta à sua música.

Nesse momento, nosso contador de histórias fez uma pausa e tomou um gole de chá. Então sorriu, saboreando a atenção extasiada dos jovens.

— Na verdade — o rabino Zacarias continuou — o vento de fato começou a soprar mais forte.

— Mais e mais forte... até que as placas da tenda, uma a uma, se soltaram e voaram para longe. Acima deles, agora os convidados viam o mais belo céu azul escuro, enfeitado com inúmeras estrelas cintilantes. E dessas estrelas, uma suave luz azulada descia em cascata em direção ao local do casamento.

— À medida que o vento forte diminuía gradualmente, Medad continuava a tocar, alheio a tudo ao seu redor. Naquele momento, uma pessoa, depois outra e logo todos os presentes perceberam que o baixo de Medad não era o único instrumento que podiam ouvir. Havia címbalos tilintando suaves; havia sinos; havia tambores delicados; havia vozes celestiais. E essas vozes cantavam uma melodia sublime,

mais cativante do que qualquer música que alguém já tivesse ouvido. As notas do baixo de Medad, cada uma delas, estavam perfeitamente sincronizadas com os sons celestiais. Todos os presentes foram banhados pela música sublime do jovem baixista e de uma multidão de músicos invisíveis, que só poderiam ser descritos como anjos.

— A música atraiu todos os presentes para o silêncio profundo de seus próprios corações, para uma consciência da sacralidade da vida.

— Depois de um tempo que não pôde ser medido, os convidados começaram a abrir os olhos e emergiram de um espaço de oração silenciosa. Olharam em volta, trocando olhares de reconhecimento, como se estivessem se perguntando: *Você viu o que eu vi? Ouviu o que ouvi? Sentiu o que senti?*

— E lá estava o rabino Shmu'el, o pai do noivo, ajoelhado na plataforma do músico. Ele estava olhando para um jovem prostrado, que os convidados logo reconheceram como sendo Medad. Os olhos do rabino estavam marejados de lágrimas. Aqueles que o observavam de repente entenderam que o jovem baixista não estava mais com eles no plano terreno. As pessoas então ergueram os olhos para o céu. Algumas nuvens haviam se juntado, mas ainda era um dos céus noturnos mais bonitos jamais visto.

— Amigos — disse o rabino Shmu'el suavemente — o Senhor convidou nosso jovem músico para se juntar à banda celestial.

— Não havia necessidade de ele dizer mais nada. Todos sabiam, naquele momento, que embora Medad tivesse vivido entre eles, havia sempre ouvido e tocado a música do Senhor. Ele ansiava apenas por estar com Deus, e Deus respondeu a esse amor.

Quando o rabino Zacarias terminou sua narrativa, a atmosfera de seu escritório estava silenciosa. Os jovens, muitas vezes inquietos e tagarelas, estavam imersos em profunda serenidade.

Depois de um tempo, o jovem aspirante a músico, Sha'ul, quebrou o silêncio:

— Rabino, sinto muito por perguntar isso, mas como você sabe que isso realmente aconteceu? Como você sabe que isso não é apenas uma lenda?

O sábio rabino Zacarias sorriu amorosamente.

— Seu nome, Sha'ul — disse o rabino — você realmente está à altura dele, não é? Significa “questionar”.

Eles se entreolharam sorrindo.

— Eu também costumava fazer essas perguntas — continuou o rabino. — Com o tempo entendi a qualidade única dessas velhas histórias. Elas nos ajudam a sintonizar com nossos sentidos interiores e reconhecer o que está além do alcance dos olhos e dos ouvidos. Então, em momentos como este, quando a quietude profunda se instala, nós também podemos ouvir o suave tilintar de um par de címbalos.

